A VOZ MÉDIA DO GREGO ANTIGO E A MANUTENÇÃO DE SEU TRAÇO SEMÂNTICO NAS TRADUÇÕES EM LÍNGUAS MODERNAS

Caio Vieira Reis de Camargo¹

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em analisar traduções da voz média do grego antigo em quatro línguas modernas: português, inglês, francês e espanhol, a fim de verificar se seu principal traço, a afetação do sujeito, permanece semanticamente nessas traduções, já que seus traços morfológicos desapareceram. Para isso, foi selecionada a obra *Biblioteca*, de Apolodoro, como *corpus*, além do uso de ferramentas computacionais para coleta e análise das ocorrências.

Abstract: This paper aims to analyze translations of the ancient Greek middle voice in four modern languages: Portuguese, English, French and Spanish, in order to verify if its main semantic feature, the subject affectedness, remains semantically in those translations, once all morphological features disappeared. To do so, the book *Library*, from Apollodorus, was chosen as corpus, as well as computational tools to collect and analyze the middle occurrences.

Palavras-chave: voz média; grego antigo; tradução; traço semântico; línguas modernas
Keywords: ancient Greek; middle voice; translation; semantics; modern language

Introdução

Os estudos acerca da voz média variam em relação à abordagem utilizada pelos autores que os propõem. Existem trabalhos voltados para o sistema médio em línguas modernas, outros que abarcam estudos comparados entre sistemas médios e reflexivos e, de maneira geral, a quantidade de trabalhos em que há o emprego de novas teorias da linguística para estudo de línguas clássicas, por exemplo, ainda é pequena. Diante de uma categoria verbal de difícil classificação, com construções de sentido passivo, reflexivo e verbos ora transitivos, ora intransitivos, a voz média instigou a curiosidade dos mais diversos estudiosos, que buscaram, por meio de variados escopos, definir essa diversidade, na tentativa de estabelecer seu sentido prototípico, capaz de contemplar as principais características dessa categoria verbal.

Ao longo dos estudos linguísticos, desde o século XIX, diversos autores buscaram uma definição para a voz média, tanto do grego antigo como de outros idiomas, e uma forma de entender como sua semântica pode ou deve ser mantida em línguas modernas, já que sua morfologia desapareceu com as línguas antigas. Por essa razão, partindo de um *corpus* de análise, a obra *Biblioteca*, de Apolodoro, autor grego do século II d.C, faremos, neste artigo, uma descrição de como quatro traduções, inglês, francês e espanhol e português (nossa), resolvem a tradução da voz média e se seu principal traço semântico, afetação do sujeito, é mantido de alguma forma nas versões traduzidas.

¹ Atualmente possui Pós-Doutorado em Linguística Aplicada ao grego e à LIBRAS na UNESP de Araraquara-SP. Possui doutorado em Linguística Computacional e Língua Portuguesa pela City University of Hong Kong (Hong Kong) e Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Possui mestrado (2012) e graduação (Letras – Português/Grego) pela mesma instituição.

1. A voz média do grego antigo

As gramáticas do grego antigo deixam clara a existência de três vozes verbais presentes na língua, todas morfologicamente marcadas, sendo elas: ativa, passiva e média. De modo comparado às línguas modernas, principalmente em relação às neolatinas, as duas primeiras operam por meio de mecanismos semelhantes, enquanto a média, por sua vez, torna-se um emprego restrito às línguas clássicas. É comum um iniciante nos estudos do grego antigo, ao primeiro contato com a terminologia "média", associá-la à voz reflexiva; entretanto, à medida que esse aluno se depara com os textos helênicos, nota que, por mais que exista, ocasionalmente, alguma semelhança entre elas, há empregos da medial que não condizem com a forma de operação de sua língua nativa. No grego antigo, a mudança morfológica entre as vozes pode ser exemplificada por meio de *στέλλω* e *στέλλει*, *enviar* (formas ativas da 1ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente), em oposição a *στέλλομαι* e *στέλλεται*, *obrigar a vir* (formas médias da 1ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente).

Os diferentes significados mostram que há distinção entre essas vozes na língua grega, porém nem sempre tão clara quando contextualizadas. Partindo, então, da ideia de que a existência de três vozes sugere um uso motivado, surge a pergunta: como entender e sistematizar essas diferenças? Para nossa análise, diante de uma quantidade considerável de estudos linguísticos a respeito desse tema, selecionamos o de Allan (2003), que define essa categoria pelo traço afetação do sujeito e estabelece onze tipos de emprego da voz média grega. Com base em sua teoria, em uma oração com um verbo médio, de alguma forma, o sujeito oracional está envolvido no processo, que o afeta.

Com base em nosso estudo prévio, reduzimos essas categorias para sete: processos; perceptiva; ato de fala; reflexiva; processo mental; deslocamento e recíproca. A compreensão dessas classificações está diretamente ligada ao papel semântico do sujeito oracional, sendo eles: agente, paciente, experienciador, beneficiário ou recipiente. Fundamentada a teoria acerca da voz média do grego antigo que nos orienta neste trabalho, passemos a um segundo momento, em que comparamos as traduções modernas, a fim de verificar a manutenção de seu traço semântico.

2. Análise comparada das traduções

Nesta seção, detalharemos cada um dos grupos da voz média do grego antigo, além de apresentarmos exemplos das traduções dessas ocorrências. Para tanto, foram selecionados os textos de Frazer (1921); Sepúlveda (1985) e Massonie-Carrière (1991), comparados com uma tradução nossa.

a) Processos

Já chamada de anticausativa (Geniusiene 1987, Haspelmath 1987, Andersen, 1989), de processo decausativo (Gerritsen 1990) e de pseudo-passiva (Rijksbaron 1994), essa classificação é derivada das categorias média-passiva e processo espontâneo de Allan (2003), que se apropriou da terminologia empregada por Kemmer (1994), e abarca construções bastante recorrentes no grego antigo. De maneira geral, o papel semântico do sujeito nessa construção pode ser *paciente* ou *experienciador* e o processo expresso pelo verbo é provocado por um agente externo que pode ou não ser

denominado na oração. Dessa forma, mesmo que o agente esteja explícito na oração, permanece a noção de sua existência, isto é, na frase, normalmente, fica evidente a presença de um agente externo, embora não enfatizada.

Ao longo do levantamento de ocorrências em Apolodoro, dentre os exemplos mais recorrentes do emprego de processos com tradução para a voz passiva do português, temos:

Ex.1) λέγεται δὲ καὶ τὴν Χίμαιραν ταύτην **τραφηῖναι** μὲν ὑπὸ Ἀμισωδάρου (Apol. *Biblio.* 2.3.2)

It is said, too, that this Chimera was bred by Amisodares	Se dice también que la Quimera había sido criada por Amisodaro
On rapporte qu'elle avait été pour Amisodore	Conta-se que a Quimera fora criada por Amisódaros.

Ex.2) τούτου δ' ὄντος ἡμερῶν ἑπτὰ παραγενομένης τὰς μοίρας φασὶν εἰπεῖν, ὅτι τότε τελευτήσῃ Μελέαγρος, ὅταν ὁ **καιόμενος** ἐπὶ τῆς ἐσχάρας δαλὸς κατακαῖ. (Apol. *Biblio.* 1.8.2)

It is said that, when he was seven days old, the Fates came and declared that Meleager should die when the brand burning on the hearth was burnt out.	Cuentan que al cumplir siete días se presentaron las Moiras y declararon que Meleagro moriría cuando el tizón que ardía en el hogar se consumiese
Quand il eut sept jours, on raconte que les Destinées se présentèrent et dirent <que> Méléagre mourrait quand le tison qui brûlait dans l'âtre aurait fini de se consumer .	Dizem que com sete dias, as Moiras chegaram e disseram que Meleagro morreria, quando a marca de fogo inflamada sobre a lareira fosse queimada por completo.

Na maioria das traduções dessas formas, os tradutores optam pela construção em voz passiva de suas respectivas línguas modernas, variando em relação à presença do agente da passiva ou de um agente externo, ora implícito, ora explícito. Há casos, como no segundo exemplo, nas versões francesa e espanhol, em que se usa uma construção reflexiva (se consumisse), porém que não exclui a noção de algo externo à entidade promove ou processo. Com efeito, a categoria processos, nas línguas modernas, foi incorporada à passiva nas versões traduzidas do grego.

b) Processo mental

O processo mental compreende uma construção em que o sujeito oracional experimenta uma afetação mental e, por conseguinte, assume o papel de *experienciador*. Em Apolodoro, essas ocorrências são recorrentes, porém, embora em muitos casos a *afetação do sujeito* pudesse aparecer por meio do pronome reflexivo, em nosso *corpus* os exemplos de verbo não apresentaram essa marcação morfológica.

Ex1.) παρὰ δὲ τούτου τὰ περὶ τὴν Ἰόλην Δηιάνειρα **πυθομένη**, καὶ δείσασα μὴ ἐκείνην μάλλον ἀγαπήσῃ, νομίσασα ταῖς ἀληθείαις φίλτρον εἶναι τὸ ρῦν ἀῖμα Νέσσου, τούτῳ τὸν χιτῶνα ἔχρισεν [...] (Apol. *Biblio.* 2.7.7)

From him Deianira learned about Iole, and fearing that Hercules might love that damsel more than herself, she supposed that the spilt blood of	Por él Deyanira supo de Yole y, temerosa de que Heracles la prefiriese, creyendo que la sangre vertida por Neso era realmente un filtro amoroso, untó con él la túnica
---	---

Nessus was in truth a love-charm, and with it she smeared the tunic.	
Déjanire, apprenant de Lichas ce qui concernait Iole, craignit qu' Héraclès n'aimât Iole plus qu'elle et, persuadée que le sang qui avait coulé de Nessos était vraiment philtre d'amour, elle en enduisit la tunique.	Dele Dejanira ficou sabendo a respeito de Iole e com receio de que Héracles a amasse mais que a ela, acreditando que o sangue de Nesso derramado fosse um filtro amoroso, untou-lhe a túnica com ele.

Nesse primeiro exemplo, o verbo assinalado em grego, **πυθομένη**, *ficar sabendo*, *informar-se*, evidencia uma afetação mental, ou seja, algum acontecimento que afeta o sujeito emocionalmente. A marca da medialidade nessa situação é bem sutil; do ponto de vista da tradução, a ideia central é marcar que a afetação mental nunca parte de um agente externo, ou seja, ela é resultado de uma atitude do próprio sujeito, que acaba afetado; nesse sentido, o verbo deve salientar essa independência. No trecho em questão, há duas maneiras de marcar essa medialidade: com o verbo *saber*, que indica que o próprio sujeito tomou consciência do ocorrido, ou com o uso do pronome reflexivo *se*, numa construção como *informar-se*, reafirmando a presença do traço afetação. Já no segundo exemplo, encontra-se a seguinte ocorrência:

Ex.2) Δηiάνειρα δὲ **αἰσθομένη** τὸ γεγονὸς ἑαυτὴν ἀνήρτησεν. (Apol. *Biblio.* 2.7.7)

Deianira, on learning what had happened, hanged herself.	Deyenira, enterada de lo sucedido, se ahorcó.
Déjanire, quand elle apprit ce qui s'était passé, se pendit.	Dejanira, ao tomar consciência do ocorrido, enforcou-se.

O verbo **αἰσθομένη** é depoente, ou seja, só ocorre na forma média. Nesse caso, a *afetação do sujeito* é marcada por construções que reforcem esse processo mental. “Consciente”, “inteirada” ou “ciente de” são empregos que denotam essa experiência vivida pelo sujeito e, por conseguinte, remontam ao emprego da média do texto original. No caso dos trechos traduzidos, as versões em inglês, espanhol e português procuram manter essa noção de que o sujeito soube de um evento que o abalou emocionalmente; em francês, o tradutor prefere o uso do verbo *aprender* como primeira acepção para essa ocorrência de voz média. Nesse caso, a afetação mental ganha mais ênfase na dependência de um agente externo. A grande maioria dos verbos de atividade mental foi empregada no participio pelo autor e, muitas vezes, acaba traduzida por um adjetivo, indicando esse estado de espírito temporário do sujeito. Com efeito, mais importante para esses verbos, o tradutor deve ficar atento ao papel semântico de *experienciador* do sujeito oracional e deixar claro que essa afetação mental é provocada por um agente externo.

c) Média Reflexiva

O papel semântico do sujeito de uma frase com um verbo médio reflexivo em grego prevalece como de *experienciador* ou de *beneficiário*, mas também, em menor frequência, de *recipiente*. Do ponto de vista da tradução, essa categoria é comumente traduzida por meio de uma construção associada ao pronome reflexivo. No caso das línguas latinas, o *se* aparece com frequências nas versões traduzidas, enquanto, no

inglês, surgem as formas *himself* e *herself* do pronome, conforme demonstrado nos exemplos a seguir:

Ex.1) καὶ χειρωσάμενος τὸν λέοντα τὴν μὲν δορὰν **ἠμφιέσατο** τῷ χάσματι δὲ ἐχρήσατο κόρυθι. (Apol. *Biblio.* 2.4.10)

And having vanquished the lion, he dressed himself in the skin and wore the scalp as a helmet.	Quando hubo cazado al león, se cubrió con la piel y usó las fauces como casco.
Il vainquit le lion et se revêtit de sa peau, en utilisant sa gueule béante comme casque.	Hércules derrotou o leão, vestiu-se com a pele dele e usou a cabeça boquiaberta do animal como elmo.

O verbo em destaque é *vestir-se* e pode ser considerado um exemplo prototípico dessa categoria. Em todas as traduções, o pronome reflexivo se faz presente para distinguir o ato de vestir alguém, numa construção transitiva direta, da forma reflexiva “vestir-se”. Em pouquíssimas situações não se utilizou uma construção reflexiva nas línguas modernas; quando isso não ocorreu, houve emprego de elementos que permitem entender que a ação foi executada no próprio sujeito, como o uso de possessivos.

d) Deslocamento

No grego antigo, verbos que indicam movimento costumam ser construídos na forma média. Em português, uma possibilidade para a compreensão desse sentido na língua helênica pode ser comparada com a construção do verbo *ir* com um pronome reflexivo, “*eu me vou embora agora*”. Embora não muito comum em nossa língua, essa mesma construção já é usual no espanhol “*me voy a salir hoy*”.

Ex.1) **στρατευσάμενος** δὲ Εργίνος ἐπὶ Θήβας [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.11)

So Erginus marched against Thebes	Ergino marchó contra Tebas
Erginos marcha contre Thebes	Ergino, então, marchou em guerra contra Tebas

Nesse primeiro exemplo, não há nenhuma marcação morfológica que remonte ao uso da voz média do original. A maioria dos verbos de deslocamento em grego antigo são depoentes e, considerando que Apolodoro é um autor do século II d.C., ou seja, já se situa em um momento com vários séculos de produção escrita em grego, é bem provável que o valor médio em oposição à construção ativa desses verbos tenha se tornado menos saliente ou inexistente, após anos de uso. O verbo em questão, “**στρατευσάμενος**”, não deixa claro o valor semântico da média no texto grego.

Caso semelhante ocorre no exemplo a seguir:

Ex.2) πρὸ τοῦ δὲ Ἀμφιτρύωνα **παραγενέσθαι** εἰς Θήβας [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.8)

But before Amphitryon reached Thebes [...]	Antes de que Anfitríon regresara a Tebas [...]
Avant qu’Amphitryon n’arrivât à Thèbes [...]	Mas antes de Anfitríon voltar a Tebas [...]

Nesse exemplo, o verbo *παραγενέσθαι* recebe traduções distintas, como *chegar*, *atingir*, *regressar* e *voltar*, embora todas elas sejam sinônimas nesse contexto. No entanto, novamente não há nenhum elemento morfológico que salienta um traço

médio nessas construções. As marcas que definem o deslocamento no grego estão presentes nas versões traduzidas de maneira menos evidente. No entanto, a motivação da média de deslocamento no grego diz respeito à mudança de posição de um sujeito, ou seja, ele é *afetado* porque sai de A para B. Em nossa análise, a média de deslocamento foi a que menos explorou o traço de medialidade e, por vezes, em algumas traduções, foi inclusive omitida do texto.

e) Média Recíproca

Em grego antigo, uma construção menos recorrente da voz média, se comparada à reflexiva, envolve verbos que indicam reciprocidade designada pelo verbo e, por conseguinte, há duas entidades envolvidas no processo, sendo que a ação parte de uma delas e retorna para si. Segundo Lichtenberk (1985), nos contextos em que existem eventos recíprocos “há dois participantes, A e B, e a relação em que A está para com B é a mesma em que B está para com A”. Consoante Allan (2003), os verbos médios recíprocos em grego são raros, depoentes, na maioria das vezes, e, geralmente, envolvem mais de um participante, um incidindo sobre o outro.

A média recíproca é muito similar à reflexiva, diferente apenas no fato de que a primeira, necessariamente, exige duas entidades no processo, enquanto a segunda, não. Em grego antigo, a reciprocidade é marcada de duas formas, ou pela construção média que abarca o traço de *afetação do sujeito* e, por conseguinte, demarca essa categoria, ou pela presença do pronome ἀλλήλλος, traduzido por *uns aos outros*.

Basicamente, separamos os verbos recíprocos em dois grupos: os que são traduzidos com e sem um pronome reflexivo.

Ex.1) [...] εἰπούσης δὲ ὅτι τῇ προτέρᾳ νυκτὶ παραγενόμενος αὐτῇ
συγκεκοίμηται [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.8)

[...] and when she told him that he had come the night before and slept with her [...]	[...] al decirle Alcmena que a su regreso la noche anterior ya se había acostado con ella [...]
[...] et comme elle lui répond que la nuit précédente, en arrivant, il a partagé son lit [...]	[...] e quando ela lhe contou que ele estivera na noite anterior e dormira com ela [...]

Em espanhol, a versão traduzida opta pela presença do pronome *se*. A versão francesa opta por uma construção mais poética, literalmente, *dividir a cama*, sem o emprego do reflexivo. Em inglês, semelhante ao que foi feito em português, foi usada a forma *dormir com*, que, embora menos direta, que faz alusão direta ao ato sexual.

O verbo grego συγκοιμάομαι permite tanto a construção *dormir com alguém*, quando a forma com o reflexivo, *deitar-se com*. Mais importante, em ambas as formas, do ponto de vista semântico, o conceito da média recíproca permanece, com ou sem a presença do pronome reflexivo. É curioso notar que os verbos que denotam o ato sexual podem ser explorados numa construção mais ativa, *ele se deitou com ela* em detrimento a uma forma mais recíproca, *eles se deitaram, deitaram juntos*.

f) Média Perceptiva

A média perceptiva está ligada a eventos em que um sujeito animado percebe um objeto por meio dos órgãos sensoriais. Assim, quem percebe é mentalmente afetado por essa percepção e o sujeito, então, pode ser considerado como um *experenciador*. Verbos perceptivos no grego antigo são bastante recorrentes e essas percepções podem ser tanto volitivas como não volitivas, embora as volitivas sejam mais frequentes.

Apolodoro não explora um variado leque de empregos de verbos perceptivos e as construções pelas quais opta são sempre recorrentes. Embora o traço *afetação do*

sujeito fique implícito semanticamente, em português não há nenhuma marca média formalmente assinalada nas orações e a tradução pode ser feita conforme mostrado nos exemplos a seguir.

Ex.1) ἐπανελθὼν δὲ εἰς Φολόην Ἡρακλῆς καὶ Φόλον τελευτήσαντα
θεασάμενος, θάψας αὐτὸν [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4)

So when Hercules returned to Pholoe, he beheld Pholus dead; and he buried him [...]	Heracles, de regreso a Fóloe, encontró a Folo muerto y después de enterrarlo [...]
Lorsqu' Héraclès, revenue au Pholoé, voit que Pholos est mort, l'avoir enseveli [...]	Ao retornar a Fóloe e ver Folo morto, Héracles enterrou-o

Nesse exemplo, o verbo em grego é *θεάομαι*, uma escolha motivada por parte do autor, já que existe uma forma ativa em oposição à média, assim como outros verbos sinônimos em forma ativa, como *ὄραω*. Do ponto de vista da tradução, verbos perceptivos nas línguas modernas selecionadas não costumam apresentar nenhuma marcação morfológica quanto à presença ou não de medialidade. Há formas em que verbos de percepção são reflexivos, como em *ele se viu no espelho; nós nos olhamos*. Porém excluindo exemplos em que essa marca é reflexiva, a percepção por si só não aparenta demonstrar algum traço médio. É relevante salientar que em inglês, francês e português, foi mantido o sentido original do verbo, *ver*, sem marcação morfológica, mantendo, contudo, o valor médio do original. A versão em espanhol, por sua vez, opta por utilizar a formar *encontrar a*, criando uma sutil diferença quanto ao significado do verbo.

g) Média Ato de fala

Verbos indicadores de um ato de fala são recorrentes no grego antigo, tanto em formas médias quanto em formas ativas. Essa categoria da medial refere-se a um sujeito que é envolvido no ato de fala de um modo particular. Uma vez que atos de fala são volitivos, o sujeito pode ser considerado *agente*, como também pode ser interpretado como *beneficiário* ou *experienciador* no processo expresso pelo verbo.

A flexão média de verbos de discurso pode ser explicada semanticamente de duas formas. Primeiro, em muitos casos, o sujeito pretende ganhar *benefício* do ato de fala, como em *ἀράομαι*, *desejar que*, *εὔχομαι* *pedir algo*, *λίσσομαι* *implorar*. Esses verbos médios são similares à média reflexiva indireta, na qual, conforme visto anteriormente, ao sujeito pode ser designado o papel semântico de *beneficiário*. Em segundo lugar, muitos verbos médios de discurso implicam um forte – ou pelo menos mental – envolvimento emocional por parte do falante: *αἰτιάομαι* *acusar*, *οἰτύρομαι* *lamentar-se*, *ὀλοφύρομαι* *queixar-se*, o que aproxima essa categoria das fronteiras de um processo mental. O sujeito de verbos de atos de fala emotivos pode ser entendido como aquele que exerce o papel semântico de *experienciador*. De maneira geral, portanto, esse grupo específico do emprego da voz média compartilha características de dois outros grupos, a média reflexiva e a de processo mental, no sentido de apresentar a possibilidade de um mesmo papel semântico ao sujeito oracional. Citamos um exemplo de nosso *corpus* a seguir:

Ex.1) μετ' Ἀπόλλωνος δὲ Ἄρτεμις συντυχοῦσα ἀφηρεῖτο, καὶ τὸ ἱερόν ζῶον αὐτῆς κτείνοντα **κατεμέμφετο**. (Apol. *Biblio.* 2.5.3)

But Artemis with Apollo met him, and would have wrested the hind from him, and rebuked him for attempting to kill her sacred animal	Pero Ártemis, acompañada por Apolo, se encontró con él, quiso arrebatarla y le reprochó haber atentado contra un animal consagrado a ella
Mais il rencontra Artémis, accompagnée: elle voulut prendre la biche et reprocha de vouloir tuer un animal qui lui était consacré.	Ártemis, em companhia de Apolo, foi ao encontro do herói, tentou tomar-lhe a corça e o acusou de tentar matar o sagrado animal dela.

É relevante apontarmos para o seguinte fato: as versões em inglês, espanhol e francês traduziram a ocorrência média por “reprovar”, enquanto em português, por “acusar”. Embora no campo semântico do verbo grego esteja prevista a primeira opção de sentido, a escolha pela segunda se deu por três motivos: primeiro, para a manutenção do sentido médio do original, “acusar” é um verbo prototípico na categoria ato de fala, ao contrário de “reprovar”, que já não estabelece uma relação direta e clara com essa classificação. Em segundo lugar, o contexto da narrativa mostra que o personagem acusado foi levado a julgamento e, por isso, esse sentido nos parece mais apropriado. Em terceiro lugar, os verbos de ato de fala no grego antigo estão, na grande maioria de suas ocorrências, ligados ao contexto judiciário. No caso dessa passagem em específico, a personagem Hércules é conduzida a um julgamento logo em seguida, a fim de comprovar sua inocência no ataque à corsa da deusa Ártemis; dessa forma, o verbo “acusar” parece mais apropriado e já em sintonia com o contexto apresentado.

3. Discussão dos resultados

A seguir, apresentamos o número de ocorrências da voz média em Apolodoro.

MÉDIA	OCORRÊNCIAS	PORC.	TRADUÇÃO MARCADA	TRADUÇÃO NÃO MARCADA
Processos	398	32%	344	54
Processo mental	83	7%	70	13
Deslocamento	228	19%	5	
Recíproca	43	3,5%	32	11
Perceptiva	36	3%	19	17
Ato de fala	65	5,2%	36	29
Reflexiva	399	32%	392	7
Total	1251	100%	898	353

A disposição desses resultados segue o seguinte raciocínio: primeiro foi feito o levantamento de todas as ocorrências de voz média no *corpus*; em seguida elas foram classificadas em algum grupo; por fim, caso, em qualquer uma das traduções, essa média mantivesse seu traço semântico assinalado, então ela seria contabilizada na terceira coluna.

Em linhas gerais, existem três maneiras de se marcar a média nas línguas modernas para as quais ela foi traduzida: a) emprego de um pronome reflexivo; b) uso de um significado que seja diferente em uma construção ativa e que assinale a afetação do sujeito no papel semântico do sujeito; c) uso da voz passiva com um agente externo explícito ou não.

As médias reflexiva e de processos são as mais recorrentes em nosso *corpus* e, no outro extremo, a perceptiva é a que menos aparece. No que se refere à manutenção

do traço semântico, a reflexiva é a que lidera em ocorrências, em todas as traduções, por meio do uso do pronome reflexivo. O segundo lugar é ocupado pela categoria *processos*, mesclando construções passivas com ou sem o agente da passiva explícito na oração.

A média com a menor evidência de uma marcação na tradução foi a de *deslocamento*, aparecendo em alguns casos na versão espanhol também por meio do pronome reflexivo. Por fim, nas demais categorias, diante de verbos polissêmicos, todas as traduções optaram, em mais de 70% dos casos, por um significado que deixasse claro no papel semântico do sujeito sua afetação, diferente do que ocorreria na forma ativa.

Com efeito, com base no levantamento de ocorrências médias em nosso *corpus*, pode-se concluir que os tradutores, sempre diante da existência dessa possibilidade, ocuparam-se em reforçar seu aspecto semântico por meio de algum recurso na língua moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, neste artigo, que a voz média do grego antigo é uma categoria morfológicamente marcada, cujo traço semântico que a define é o de afetação do sujeito. Por conseguinte, em sua tradução para línguas modernas, inglês, francês, espanhol e português, a manutenção desse traço foi predominante em duas situações: a) quando ao tradutor fosse permitido o emprego de um pronome reflexivo; b) quando o sentido médio, comparado ao da ativa, denotasse a afetação no papel semântico do sujeito.

A média *reflexiva* foi a categoria que mais manteve o traço de afetação, seguida pela categoria *processos*, mantida por meio da construção passiva com ou sem agente explícito. Por fim, nas demais predominou-se o emprego de um significado que garantisse uma diferença do papel semântico do sujeito em relação à forma ativa, ao passo que somente no tipo “deslocamento”, não houve possibilidade de marcar a média, a não ser em poucos exemplos em espanhol, com o emprego de verbos com o pronome reflexivo.

REFERÊNCIAS

ALLAN, Rutger J. *The Middle Voice in Ancient Greek. A Study of Polysemy*. Leiden and Boston: Brill, 2003.

ANDERSEN, P.K. *Remarks on the origin of the term Passive*. Berlim, Klincksieck. 1989

APOLLODORUS. Apollodorus, The Library, with an English Translation by Sir James George Frazer, F.B.A., F.R.S. in 2 Volumes. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1921. Includes Frazer's notes. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu>

_____. *Biblioteca*. Trad. y notas SEPÚLVEDA, M. R. Introducción ARCE, Javier. Madrid: Gredos, 1985.

_____. *Biblioteca*. Trad. Massonnie-Carrière. Paris: Gredos, 1991.

GENIUSIENE, E. *The typology of Reflexives (Empirical Approaches to Language Typology 2)*. Berlim, Mouton de Gruyter, 1987.

HASPELMATH, M. *Transitivity Alternations of the Anticausative Type*. Köln, Cologne, 1987.

KEMMER, S. *The middle voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1993

KÜHNER, R & GERTH, B. *Ausführliche grammatik der griechischen Sprache*, Capítulo 1: *elementar - und Formenlehre*, 2 volumes. Hanover. Hahnsche Buchhandlung, 1904.

LANGACKER, R. W *Foundations of cognitive grammar*, Vol.1 Stanford University Press. Stanford, 1987.

RIJKSBARON, A. *The treatment of the Greek middle voice by the ancient grammarians*. In: Cahiers de philosophie ancienne 5, Brussels, Éditions Ousia, 427-44, 1987.

VIBERG, A. *The verbs of perception: a typological study*. In: BUTTERWORTH COMRIE B & DAHL, Ö, *Explanations for languagem Universals*. Berlim, Mouton de Gruyter, 1984, 123-62.